

salientam-se como as de mais notável significação econômica as diferenças de ocupação..." e, na verdade, "a disseminação das instituições de ensino elementar, sobretudo em São Paulo, representam, para as elites, mais pressões de interesses do Estado do que produtos das aspirações populares" (p. 144).

Heloisa Liberalli Bellotto.

NEME, Mário — O Brasil holandês no tempo de Nassau. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 32:1-214, 1983.

Esta publicação do Museu Paulista coincide com o transcurso do décimo aniversário da morte do A., numa justa homenagem daquela Casa àquele que, durante doze anos, esteve à testa de sua direção.

O trabalho em questão era aguardado, pois o A. referiu-se a ele em estudos anteriores já que este é o terceiro de uma triade: *A Holanda e a Companhia das Índias Ocidentais, Fórmulas políticas do Brasil holandês* e, finalmente, *O Brasil holandês no tempo de Nassau*.

Embora não colocasse em dúvida a positiva contribuição dos flamengos no que tange ao sistema de vida reinante em Pernambuco, tendo nesse sentido contribuído muito a vinda de naturalistas, cartógrafos, desenhistas etc., por estar convencido que a historiografia tradicional não espelhava a realidade dos fatos, o A. sentiu-se atraído a reexaminá-los.

Ao fazê-lo, entretanto, discordou daqueles que atribuíam aos holandeses, por exemplo, a introdução de um regime de liberdade, de representatividade e de caráter republicano. A seu ver, o que houve foi um "retrocesso do ponto de vista das conquistas democráticas, em confronto com o regime vigorante no Brasil Português".

Quanto ao Conde João Maurício de Nassau-Siegen, o A. procurou dissecar, ao máximo, a imagem estereotipada que dele se formou em grande parte em função da obra de Barléus, mestre da eloquência latina, a quem Nassau encomendara que escrevesse sobre sua pessoa.

Para ter-se noção até que ponto o personagem retratado foi enaltecido pelo escritor é suficiente que se retome uma de suas frases: "chegando ao Brasil reerguestes o que estava destruído, corrigistes o que estava viciado, reavivastes o que estava morto".

Ocorre que a imagem por ele criada foi sendo adotada e retransmitida pelos estudiosos sem qualquer exame crítico. O A., apesar de ciente de que suas revelações poderiam desgostar a um certo número de leitores, confessou-se não preocupado, na medida em que cumpria sua missão de historiador, isto é, a da busca e da revelação da verdade.

Neste trabalho, uma vez mais, debruçou-se sobre a documentação e investigou-a com grande mestria, honestidade e precisão. A partir do estudo das condições internas do Brasil holandês, deteve-se na análise de questões relativas ao povoamento, à colonização, à reconstrução de Olinda, à cidade de Maurícia, ao livre comércio, à diversificação agrícola, ao cultivo compulsório, à tributação, à carestia, à Assembléia de 1640, à articulação do movimento revolucionário e finaliza com o exame das campanhas militares de Nassau.

Com isso, mesmo os que não concordem *in totum* com ele não poderão deixar de reconhecer que reconstituiu um perfil do Conde bem diverso daquele comumente apregoados. E o fez baseado em farta documentação e em acurada interpretação.

Nesse novo enfoque ficou evidenciado que o papel desempenhado por ele não foi bem aquele que a historiografia consagra. Muitas das medidas que se lhe atribuíram, por exemplo, ficou comprovado, não foram produto de sua iniciativa, mesmo porque não gozava aquele administrador da propalada liberdade de legislar.

Sob essa nova ótica, o nome de Mário Neme provavelmente será lembrado daqui para frente como o do desmistificador do Conde João Maurício de Nassau-Siegen. Aliás, Ernani da Silva Bruno, que faz a apresentação do trabalho em questão, afirma a certa altura "no campo da historiografia, nada é mais saudável que a crítica dos documentos, a incessante revisão das posições antes estabelecidas, a busca de novas interpretações. Desde que feitas com a honestidade e a seriedade que caracterizavam sempre as pesquisas de Mário Neme".

Arlinda Rocha Nogueira.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha, Heloisa Liberalli BELLOTTO & Lucy Maffei HUTTER. Inventário analítico dos manuscritos da Coleção Lamego. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1983, 2 vols.

Acompanhando de perto a elaboração do longo e exaustivo inventário analítico dos códices da Coleção Lamego nos foi possível conhecer mais detalhadamente alguns de seus manuscritos, quanto ao aspecto de seu conteúdo ou ainda quanto à forma paleográfica em si.

A Coleção Lamego compõe-se não só destes códices, mas também de obras raras, periódicos selecionados e opúsculos dos quais muitos desconhecidos dos bibliógrafos. Este acervo encontra-se depositado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo desde 1968 em função de decisão tomada pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras por ocasião da criação do próprio Instituto, em 1962. Tal acervo foi adquirido pelo governo do Estado de São Paulo pela importância de 200:000\$000 (duzentos contos de réis) e doada à recém-fundada Universidade de São Paulo — criada em 1934, após ter sido avaliada por uma comissão constituída por Rodolfo Garcia, Max Fleiuss e Mário Behring. Seu antigo proprietário, que durante quatorze anos esteve ausente de sua pátria, comprou grande parte de seus livros e manuscritos nesta sua estada na Europa. Viveu na França, na Bélgica e em Portugal. Participou de leilões de livros, vasculhou arquivos, mandando fazer cópias daquilo que pudesse lhe interessar. Comprou autógrafos e obras que pudessem satisfazer a sua ânsia de se aprofundar nos estudos históricos.

Incorporada à Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1935 foi a coleção catalogada segundo os ditames da época. Foram então tombados 4.000 títulos — pelo menos era este o número que constava dos volumes de tombo entregues ao Instituto de Estudos Brasileiros por ocasião da transferência da Biblioteca Central para este Instituto —, os manuscritos se incluem neste cômputo geral. Eles se encontram encadernados em 154 volumes com 4.062 documentos. Não é improvável que um volume de tombo posterior possa ser localizado, aumentando assim o número de títulos que fariam parte desse acervo.

Os documentos datam dos séculos XVI ao XX. Predominam os códices referentes à Companhia de Jesus não só em relação ao Brasil como a outras partes do mundo. Seu cole-